

4. A variação moçambicana do português na escrita de mia couto em *a varanda do frangipani* - Joaquim Dina Charles

«Desculpe-me este meu português, já nem sei que língua falo, tenho a gramática toda suja, da cor desta terra. Não é só o falar que é já outro. É o pensar, inspector».
Domingos Mourão in *A Varanda do Frangipani* p. 48, Mia Couto

4. 0. Introdução

Neste artigo intitulado *A variação moçambicana do português na escrita de Mia Couto em A varanda do frangipani* apresentamos uma reflexão sobre a variação linguística do português, tendo como corpus de análise a obra *A varanda do frangipani*, do escritor moçambicano Mia Couto.

Uma leitura introspectiva do discurso no percurso literário moçambicano, desde às origens até aos nossos dias galvanizada, sobretudo, pelo virtuosismo pós-moderno, aliada a uma cada vez manifesta insolubilidade das questões existencialistas mais candentes da nossa realidade circundante leva-nos a nos questionarmos, a nós mesmos, sobre o estatuto do português e das línguas autóctones moçambicanas, assumindo que a primeira, língua oficial, não é ainda do domínio da maioria da população moçambicana, sobretudo das zonas rurais, cujas falas, em forma de vozes e memórias endógenas são nos reportadas fidedignamente nas letras moçambicanas em geral e, especificamente, pelas mãos de Mia Couto, em *A Varanda do Frangipani*, obras-objecto de análise da presente pesquisa.

4.1. Revisão da literatura

Trataremos de lançar mão sobre uma das questões mais candentes e controversas do mundo contemporâneo, sobretudo Moçambique – *A variação moçambicana do português* em coabitação não apenas com as línguas moçambicanas, mas outras decorrentes da nova ordem mundial, invariavelmente sancionada pela globalização, tecnologias de informação e comunicação e as consequentes encruzilhadas socioculturais, que aparentemente vão abalando e confundindo progressivamente os padrões de referências culturais e linguísticas, que durante muito tempo estabilizaram a identidade, principalmente dos países em desenvolvimento, cujas gerações mais jovens se assumem como potencialmente propensas à "erosão cultural" que lhes é movida pela forte concorrência da poderosa indústria cultural, material e imaterial do ocidente. CHIAVENATO (2009: 11) corrobora a esta tese afirmando que:

A tecnologia trouxe desdobramentos completamente imprevistos e transformou o mundo em uma aldeia global. A informação passou a cruzar o planeta em milésimos de segundos. A tecnologia da informação provocou o surgimento da globalização da economia: a economia internacional transformou-se em economia mundial e global. A competitividade tornou-se mais intensa entre as organizações. O mercado de capitais passou a migrar volátilmente de um continente para o outro em segundos, à procura de novas oportunidades de investimento.

Com efeito, testemunhamos, hoje uma cada vez crescente tendência de mocambiçanização do português, sobretudo pelas gerações mais novas devido à sua propensão à assimilação de novos vocábulos das ditas línguas de prestígio internacional e em forte difusão no mundo, bem como de valores da cultura ocidental. Não se trata, entretanto, de uma atitude radical e conservadora que vise a rejeição do que comumente se chama de "cultura estrangeira" - reconhecendo a impossibilidade de uma distinção clara entre a dita cultura moçambicana da estrangeira, como recorda Pacheco (op.cit.: 9), "na pós-modernidade, as comunidades não têm como manter “puras” as suas tradições, elas não podem mais manter intransponíveis as fronteiras que separam o “dentro” e o “fora””.

De facto, na literatura moçambicana, Mia Couto, mas muitos outros escritores têm-se notabilizado pela sua escrita identitária, de questionamento da subversão cultural que, a todo o momento, testemunhamos, tal como sustenta Faria (2005:2):

Mia Couto compreende essa necessidade de contestar e questionar a realidade e revela, nos seus textos, uma forte inquietação produzida pelo novo contexto moçambicano. Problematisa a História, discute os ditames da política, testemunha o quotidiano e embrenha-se no imaginário profundo da condição de ser moçambicano, desenvolvendo na escrita uma das pedras angulares da construção da identidade nacional. É esta demanda identitária individual e colectiva, assente na dicotomia entre tradição e modernidade, que encontramos nas obras coutianas.

As discussões sobre a identidade (moçambicana) têm interessado e dominado as atenções dos nossos tempos suscitando, por isso, muitos debates nos diversos círculos: académicos, religiosos, média e sociedade em geral que apontam para uma necessidade de profunda reflexão sobre a cultura e identidade moçambicanas, face às dinâmicas da nova ordem mundial sancionada pelo globalismo cultural e económico e o conseqüente incremento do fluxo migratório intra e transfronteiriço.

No entanto, longe de qualquer consenso a questão parece cada vez mais complexa, roçando a insolubilidade e dividindo, inclusive, opiniões dos contendores, entre os mais conservadores, por um lado, que chegam mesmo a falar em uma pretensa "crise de identidade" face à manifesta tendência de

subalternização dos costumes da cultura moçambicana e, por outro lado, os apologistas da cultura ocidentalizada, na sua maioria das mais novas gerações, apontados por aqueles como os responsáveis pelo crescente fenómeno de "erosão cultural" e consequente perda de identidade, como refere HALL (1992:7):

A questão da identidade está sendo amplamente discutida na teoria social. Em essência argumento é o seguinte: as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Segundo Chabal (1994:15) “a literatura é uma componente central da identidade cultural de todos os estados-nação. (...), pelo que é neste sentido que se fala de literatura russa, italiana ou norueguesa, como referência, em simultâneo, a uma literatura específica e a uma tradição cultural própria”.

Em função das constatações decorrentes das nossas leituras da literatura moçambicana, aliadas à actual conjuntura sociocultural mundial e moçambicana, concomitantemente marcada pelas incertezas e pelo medo face ao caos, que de modo irreversível se vai alastrando pelo mundo todo, nomeadamente o terrorismo que teve no atentado de 11 de Setembro de 2001, nos EUA, o ponto mais alto da sua manifestação, mas hoje também problema de Moçambique, na setentrional província de Cabo Delgado; as enigmáticas e mortíferas doenças pandémicas como o VIH/SIDA e Covid-19, cuja cura ainda continua nos segredos dos deuses e, por isso, fontes de especulações e desinformação; as guerras étnico-tribais que teimosa e continuamente dilaceram o continente africano, em particular; os conflitos religiosos, sobretudo entre cristãos e muçulmanos, em suma, um misto de incertezas e relativa desordem mundial despertaram a nossa consciência, pelo que lhes pretendemos dedicar atenção especial de análise.

APPADURAI (2004: 19) é um dos autores que se situam nessa linha dos críticos, chegando mesmo a apontar os erros do homem pós-moderno, ao afirmar o seguinte:

O erro funciona a dois níveis. Primeiro baseia-se num *requiem* prematuro à morte da religião e à vitória da ciência. Há novas religiosidades de toda a espécie que demonstram que a religião não apenas não morreu como pode até ter mais consequências do que nunca nas políticas globais de hoje, tão interligadas e dotadas de tão grande mobilidade. A um outro nível é errado presumir que a

comunicação electrónica é o opio do povo. Esta posição que começa apenas a ser corrigida baseia-se na noção de que os processos mecânicos de produção reprimem severamente a gente comum que busca trabalho industrial. É demasiado simplista.

Em função das constatações decorrentes das nossas leituras da literatura moçambicana, aliadas à actual conjuntura sociocultural mundial e moçambicana, concomitantemente marcada pelas incertezas e pelo medo face ao caos, que de modo irreversível se vai alastrando pelo mundo todo, nomeadamente o terrorismo que teve no atentado de 11 de Setembro de 2001, nos EUA, o ponto mais alto da sua manifestação, mas hoje também problema de Moçambique, na setentrional província de Cabo Delgado; as enigmáticas e mortíferas doenças pandémicas como o VIH/SIDA e Covid-19, cuja cura ainda continua nos segredos dos deuses e, por isso, fontes de especulações e desinformação; as guerras étnico-tribais que teimosa e continuamente dilaceram o continente africano, em particular; os conflitos religiosos, sobretudo entre cristãos e muçulmanos, em suma, um misto de incertezas e relativa desordem mundial despertaram a nossa consciência, pelo que lhes pretendemos dedicar atenção especial de análise.

Quando iniciamos as nossas leituras sobre literatura moçambicana, em geral e, especificamente, dos *Contos e Lendas*, de Carneiro Gonçalves e *A Varanda do Frangipani*, de Mia Couto estávamos, não tínhamos, ainda, sequer, a real dimensão sapiencial e humanística interiorizada nos textos que se nos entrelaçavam pelos dedos e que as impressões de que deles nos chegavam eram apenas a ponta de um longilíneo *iceberg*. Da leitura abriram-se nos novos e surpreendentes horizontes e possibilidades hermenêuticas literárias que permitiram compreender que estávamos, afinal, desde logo, a ensaiar um processo de (re)descoberta de toda uma estética literária moçambicana vinculada ao, ainda em marcha, projecto de regeneração linguística e identitária, metaforizada, essencialmente, pela escrita, de Mia Couto,

Começámos, então, na sequência dessas leituras, por nos colocarmos um conjunto de questões que se nos foram surgindo ao longo das leituras, que doravante apresentamos, galvanizados, sobretudo, pelo reconhecimento peremptório do personagem Domingos Mourão, da variação linguística do português por ele falado, como atesta o seguinte excerto extraído da obra *A Varanda do Frangipani*, nosso corpus de análise, «Desculpe-me este meu português, já nem sei que língua falo, tenho a gramática toda suja, da cor desta terra. Não é só o falar que é já outro. É o pensar, inspector». p. 48.

Por que razão, a todo o momento, o drama de identidade e linguístico surgem como temática recorrente no desenvolvimento do discurso literário moçambicano em *A Varanda do Frangipani*, de Mia Couto e na literatura moçambicana, em geral?

Que áreas da gramática é mais afectada pelo fenómeno de variação do português na escrita de Mia Couto em *A Varanda do Frangipani*?

Em suma, tendo em conta todos estes questionamentos e pressupostos cautelares, pretendemos com esta pesquisa despertar e cogitar a consciência e opinião pública moçambicanas sobre a possibilidade de emergência de uma norma moçambicana do português.

Entretanto, o questionamento sobre a identidade e língua não é apenas um discurso recorrente na literatura moçambicana, mas de toda uma estética inscrita no quadro das produções dos subsequentes aos *ismos* do pós-guerra, de 39 a 45 do último século, que ganharam acento, sobretudo com o advento da pós-modernidade.

4.2. Objectivos da pesquisa

Do intuito da realização do presente estudo, em estrita concomitância com o problema e as questões prévias, formulamos os seguintes objectivos, geral e específicos da pesquisa:

- Compreender os fundamentos estético-literários da recorrência da questão de identidade e linguística no desenvolvimento do discurso literário moçambicano, em *A Varanda do Frangipani*, de Mia Couto, num contexto marcado pelas antinomias da pós-modernidade.

Em busca desse desiderato, em concordância com o título da pesquisa desdobramos o nosso objectivo geral de análise linguístico-discursiva do *corpus* em três principais linhas de operacionalização, a saber

- Identificar os aspectos gramaticais sobre que incidem a variação do português em Moçambique na escrita de Mia Couto.

Descrever os estratégias de variação linguística do português na escrita de Mia Couto em *A Varanda do Frangipani*.

Paralelamente aos quatro tipos de variação linguística, nomeadamente diatópicas, diacrónicas, diastráticas e diafásicas decorrentes dos factores espaço-temporais, sociais e estilísticos é possível constatar em Moçambique, a ocorrência de outras formas de variação, no caso do português, em parte, como resultado do convívio deste com outras línguas nacionais autóctones, na sua maioria de origem bantu, como observa Timbane, (2018: 43)

Moçambique é um país multilingue onde convivem línguas bantus, o português, o gujarati, o hindi e o árabe. O português é a língua oficial e é de uso obrigatório na educação e nas instituições públicas, mas cria impasse, porque os cidadãos não dominam a norma-padrão europeia. Por sua vez o português de Moçambique (PM) é uma variedade que resulta de contextos sociolinguísticos e da diversidade cultural.

4.3. Apresentação do corpus

Com efeito, a leitura da obra *A Varanda do Frangipani*, de Mia Couto permitiu-nos constatar um número significativo de corpus, que atesta a variação linguística do português na literatura, moçambicana, com destaque especial para o romance em causa, cuja sistematização apresentamos por meio de excertos textuais no quadro abaixo:

Área gramatical	Tipo de desvio	Exemplo do corpus	Norma padrão
Sintaxe	Colocação clítica	<i>Me Faltou</i> cerimónia e tradição... p.11	Faltou-me cerimónia e tradição...
	Colocação clítica	<i>Se entendeu</i> construir uma prisão. P13	Entendeu-se construir uma prisão
	Colocação clítica	<i>Me ajudou</i> o ter ficado junto de uma árvore. P. 12	Ajudou-me o ter ficado junto de uma árvore
Morfologia	Processo de formação de palavras	Não cortaram o cordão <i>desumbilical</i> . P.12	
	Processo de formação de palavras	Vagueiam de paradeiro em <i>desparadeiro</i> . P.12	
Morfologia	Processo de formação de palavras	Com tais <i>inutensilios</i> me arrisco a ser um desses defuntos. P.12 Há uns <i>poucochinhos</i> dias... p.18	

4.4. Conclusão

A premissa básica que suscitou a realização do presente estudo é a constatação de que parte significativa da literatura moçambicana pré-colonial, mas também e, principalmente, pós-colonial coloca no centro das suas atenções questões relacionadas com a identidade e, por conseguinte, da língua, mormente da variação do português, como resultado não só do convívio desta com outras línguas, maioritariamente de origem bantu mas também de questões relacionadas com factores de ordem estético-nacionalistas, no caso com a adopção de estratégias literárias de distanciamento com um passado histórico colonial que tem que ver com a recusa dos modelos prototípicos da literatura metropolitana, assumida como gene exto das ditas literaturas emergentes.

Ademais, a questão de identidade parece transcender o próprio âmbito da escrita para se converter num tema em torno do qual convergem e divergem as opiniões da sociedade constituindo, por conseguinte, matéria de acirrados debates nos círculos sociais como escolas, médias, discursos políticos, entre outros.

Na sequência destas constatações foi nosso interesse saber se, em literatura, este fenómeno constitui uma prática deliberada em defesa da identidade (moçambicana) que aparentemente se vai degenerando perante os ditames da pós-modernidade, o que configura, por isso, o que Hall (2010) considera de *crise de identidade*¹⁸ ou simplesmente obra do acaso, ao que concluímos que tem a ver com o primeiro caso. Deste modo, constituiu o cerne da nossa pesquisa a análise do romance *A Varanda do Frangipani*, de Mia Couto.

Outrossim, o estudo permitiu concluir que a sintaxe e a morfologia constituem as áreas da gramática mais afetadas pelo fenómeno de variação linguística do português em Moçambique.

Referências bibliográfias

- Appadurai, Arjun. *Dimensões Culturais da Globalização*. Lisboa, Teorema, 2004
- Chabal, Patrich. *Vozes Moçambicanas – Literatura e Nacionalidade*. Lisboa, Vega, 1994
- Couto, Mia. *A Varanda do Frangipani*. Maputo, Andirá, 1996
- Faria, Joana. *Mia Couto – Ladino Vieira - Uma Leitura em Travessia pela Escrita Criativa ao Serviço das Identidades*. Disponível na internet via WWW. URL: <http://www.google.co.mz/#q=Mia+Couto+luand>. Arquivo capturado em 08 de Outubro de 2020
- Ferreira, Ana Maria. *Traduzindo Mundos: Os mortos na narrativa de Mia Couto*. Disponível na internet via WWW. URL: [http:// google.co.mz/#q=ferreira%2C+traduzindomaismundos](http://google.co.mz/#q=ferreira%2C+traduzindomaismundos). Arquivo capturado em 08 de Outubro de 2020
- Hall, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Disponível na internet via WWW. URL: <http://scielo.br/scielo.phpscript=scielo.arttext>. Arquivo capturado em 08 de Outubro de 2019
- Laranjeira, Pires. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa, Universidade Aberta, 1995
- Pacheco, José. *Identidade Cultural e Alteridade: Problematizações Necessárias*. Disponível na internet via WWW. URL: <http://unisc.br/site/Spartacus/edições>. Arquivo capturado em 23 de Maio de 2014

¹⁸ Terminologia usada por Hall (2010:7), no seu artigo *Identidade Cultural na Pós-modernidade*.

Timbane, Alexandre. *A Variação Linguística Do Português Moçambicano: Uma Análise Sociolinguística da Variedade em Uso in Revista Internacional em Língua portuguesa*, 2018